



Nesta narrativa da tradição afro-brasileira, transmitida de boca em boca desde o século XVIII, um rei africano e seus conterrâneos, escravizados numa mina de ouro em Vila Rica, unem-se para conquistar a alforria por meio do trabalho, da astúcia e da solidariedade.

Recontadas aqui em palavras e imagens, as peripécias desse herói negro são ainda acompanhadas por um texto sobre a história e o funcionamento das escolas de samba no Rio de Janeiro e um caderno de lembranças da autora, com desenhos dos anos 1950. Ali ela explica como conheceu Chico Rei, vindo depois a contar sua história num espetáculo teatral para crianças, em livros e em CD.

Acompanhado de “Escola de samba, uma escola de vida”,
de Maria Augusta Rodrigues

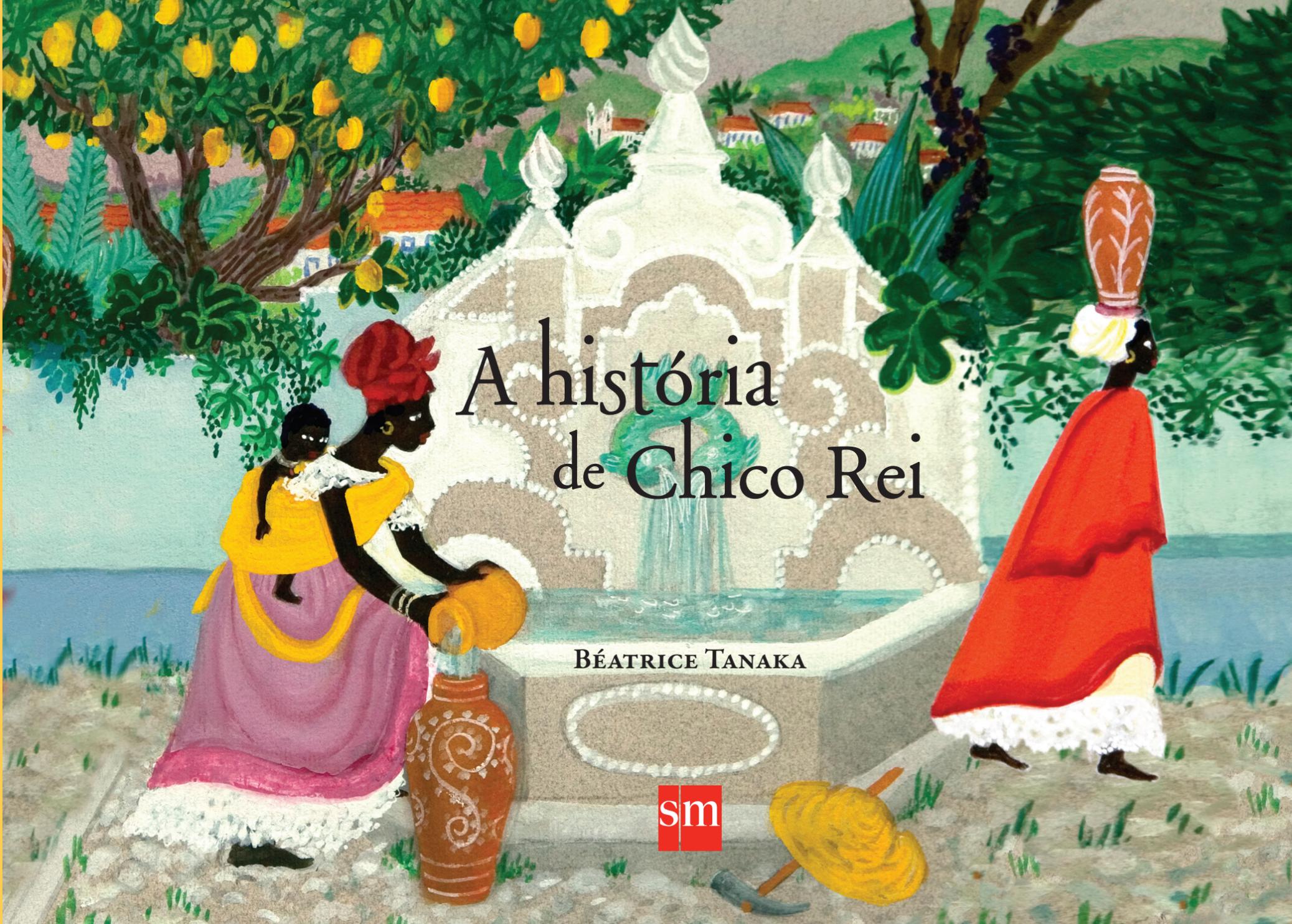


1 6 6 7 0 5
ISBN 978-85-418-0732-6
9 788541 180732



A história de Chico Rei

BÉATRICE TANAKA



A história de Chico Rei

BÉATRICE TANAKA



The illustration depicts a vibrant village scene. In the foreground, a cluster of colorful houses with red, yellow, and blue roofs is nestled on a hillside. A prominent white church with two blue domes and a central archway stands on a raised platform. Palm trees and other tropical vegetation are scattered throughout the village. The sky is a soft, muted greenish-brown, and several colorful kites are flying. Each kite is a diamond shape with different color combinations: purple, blue, and red; yellow, red, and purple; pink, orange, and white; yellow, red, and purple; blue, white, and orange; and purple, yellow, and orange. Long, thin, leafy streamers trail behind the kites, extending across the sky. The overall style is that of a traditional folk-art or children's book illustration.

A história de Chico Rei

Título original em francês e português:

La Légende de Chico Rei, un roi d'Afrique au Brésil. A história de Chico Rei

© Béatrice Tanaka/ Lise Bourquin Mercadé, 2008

© Kanjil Editeur, Paris, 2008, para a edição original bilíngue

Coordenação editorial e preparação Fabio Weintraub

Revisão Marcia Menin e Carla Mello Moreira

Edição de arte Leonardo Carvalho

Produção industrial Alexander Maeda

Impressão Completar nome da gráfica

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Tanaka, Béatrice

A história de Chico Rei / Béatrice Tanaka; ilustrações da autora. — 2. ed. —
São Paulo: Edições SM, 2015.

Título original: La légende de Chico Rei: un roi d'Afrique au Brésil
Acompanhado de "Escola de samba, uma escola de vida", de Maria Augusta Rodrigues.
ISBN: 978-85-418-0732-6

1. Contos afro-brasileiros - Literatura infantojuvenil 2. Literatura infantojuvenil

I. Rodrigues, Maria Augusta. II. Título.

15-01169

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Contos afro-brasileiros : Literatura infantojuvenil 028.5

Grafia conforme o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

1ª edição brasileira agosto de 2010

2ª edição brasileira 2015

5ª impressão 2017

Todos os direitos reservados a

EDIÇÕES SM

Rua Tenente Lycurgo Lopes da Cruz 55

Água Branca 05036-120 São Paulo SP Brasil

Tel. (11) 2111-7400

www.edicoessm.com.br

A história de Chico Rei

Béatrice Tanaka



Acompanhado de
“Escola de samba, uma escola de vida”,
de Maria Augusta Rodrigues



SUMÁRIO

LENDA E HISTÓRIA DE CHICO REI	6
CHICO REI (SAMBA-ENREDO)	28
DE VILA RICA AO RIO DE JANEIRO	30
ESCOLA DE SAMBA, UMA ESCOLA DE VIDA	37
PEQUENO CADERNO DE LEMBRANÇAS DA AUTORA	47



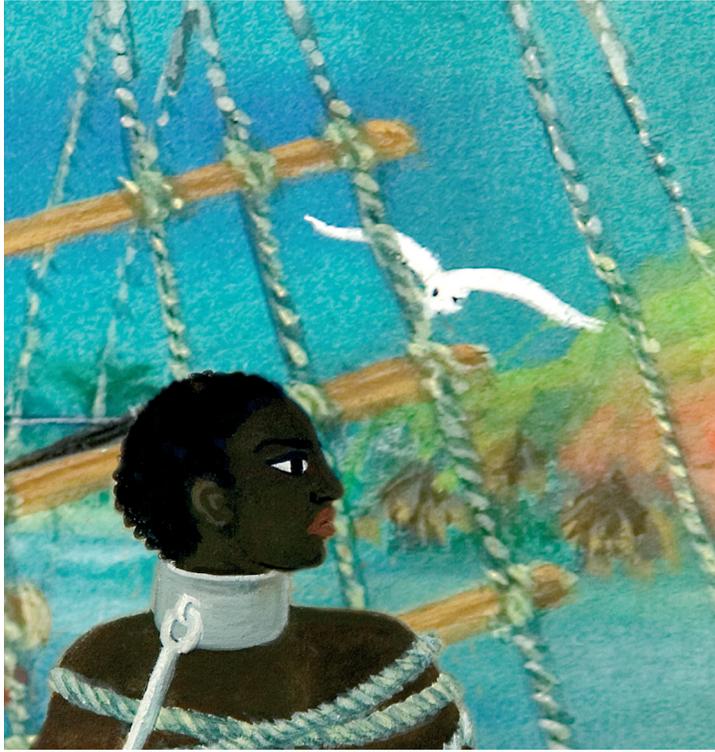
Lenda e história de Chico Rei

Capturado em terras africanas com seus familiares e companheiros de tribo, esse rei do Congo chegou ao Brasil em 1740, no porão de um navio negreiro. Foi então vendido como escravo para trabalhar em Vila Rica, na mina de ouro Encardideira, e conquistou o respeito e a confiança de seu senhor, que acabou por libertá-lo.

Uma vez alforriado, adquiriu aquela mina, que muitos julgavam exaurida, mas que se tornou milagrosamente próspera depois de passar a suas mãos. Além disso, ajudou seus companheiros a comprar, um a um, a alforria. Para tanto, valeu-se também do pó de ouro que os cativos do garimpo carregavam nos cabelos. Fazendo com que se banhassem em determinado chafariz, usou esse ouro subtraído ao fisco para encurtar a distância entre seus conterrâneos e a liberdade.

Conta-se que em 1747, durante a festa do Dia de Reis, ele desfilou pelas ruas de Vila Rica fantasiado de rei, à frente de seu povo libertado, ao som e ao ritmo dos tambores de sua terra natal. Seguido por todo seu povo, entrou na Igreja de Santa Efigênia do Alto da Cruz, que ele mesmo mandara construir. Foi essa a primeira congada de Minas Gerais, que atualmente realiza mais de trezentos festejos do gênero por ano.

Hoje, em Ouro Preto (como passou a se chamar a antiga Vila Rica), é costume visitar a entrada da mina de Chico Rei. Não se sabe ao certo onde fica seu chafariz, mas, sobre uma colina um pouco afastada, desponta sua igreja, simples e nobre, à imagem daquele que a ergueu.



Era uma vez um rei africano.

Um rei sem coroa, sem espada, sem terra. De seu, só lhe restara o povo, acorrentado como ele no sombrio porão de um navio negreiro. Sofrera o ataque de um poderoso rei vizinho que lhe cobiçava as terras. Assim, suas aldeias foram incendiadas; seus campos, devastados; e os sobreviventes, vendidos como escravos.

E, como um cativo não conserva títulos de realeza, até seu nome de origem o acorrentado perdera.

Naquele tempo, ouro e pedras preciosas haviam sido descobertos no Brasil, numa região que, de tanto minério e diamante, passou a ser chamada de “Minas Gerais”.

Para extrair toda essa riqueza e levá-la aos galeões que a transportariam a Portugal, precisava-se de escravos, muitos escravos. Tantos que os donos de minas compravam-nos aos magotes, em navios apinhados de gente.

Foi assim que o rei destronado e seu povo foram vendidos para as minas de Vila Rica. Alguém os batizou com água benta e sapecou em cada qual um nome português, para que o feitor pudesse berrá-los sem dificuldade: José, Pedro, Ana, Rosa, Juca. Doravante, o rei sem nome passaria a ser chamado de Francisco.

